

## COP terá de enfrentar situação climática cada vez mais hostil<sup>1</sup>

Enquanto o debate global continua estacionado na questão do financiamento para a transição climática justa - uma questão para a qual se espera um impulso importante na COP30, em Belém -, o planeta dá sinais de que o aquecimento global já parece ter deixado para trás o limite de aumento de 1,5°C, primeira linha de resistência do Acordo de Paris. Além disso, estudos recentes apontam que os sumidouros de carbono da Terra, florestas e oceanos, podem ter esgotado sua capacidade de absorver o carbono antropogênico (emitido pela atividade humana), como resultado do contínuo aumento das emissões, desmatamento e ondas de calor, entre outros fatores, que interagem em um círculo vicioso.

Em 2023, pela primeira vez, os ecossistemas terrestres - que absorvem cerca de um terço do CO<sub>2</sub> emitido pela atividade humana - praticamente não absorveram carbono em termos líquidos. Também os oceanos absorveram menos carbono, principalmente por conta das altas temperaturas da superfície, segundo artigo publicado na revista Nature Climate Change neste mês.

Medições do Observatório Mauna Loa, no Havaí, mostraram que em 2023 a taxa de crescimento de carbono atmosférico aumentou 86% em comparação com o ano anterior, marcando um recorde desde o início do monitoramento, em 1958. Isso sugere um enfraquecimento sem precedentes da absorção terrestre e oceânica.

Estudos mostram que 30% desse declínio foi impulsionado pelo calor extremo de 2023, que alimentou enormes incêndios florestais que devastaram grandes áreas da floresta canadense e desencadearam secas severas em partes da Amazônia - um dos sumidouros de carbono mais importantes do mundo. Só esses dois eventos liberaram aproximadamente a mesma quantidade de carbono na atmosfera que as emissões totais de combustíveis fósseis da América do Norte.

Esses incêndios e secas levaram a uma perda substancial de vegetação, enfraquecendo a capacidade do ecossistema terrestre de absorver carbono. Pesquisadores temem que os sinais de declínio na capacidade dos ecossistemas da Terra de retirar carbono da atmosfera ser uma indicação de que as fontes naturais de absorção estão se aproximando perigosamente de seus limites.

A Amazônia, por exemplo, já mostra sinais disso, com algumas regiões deixando de absorver carbono e se tornando fontes líquidas de emissões. Dados do último levantamento do MapBiomass (**Valor**, 15/09) mostram que a Amazônia perdeu 52 milhões de hectares entre 1985 e 2024 de áreas de vegetação nativa. Essa perda corresponde a 13% e se aproxima da faixa de 20% a 25% de eliminação da cobertura florestal que colocaria o bioma em um ponto de não retorno. Os mapas de cobertura e uso da terra

---

<sup>1</sup> Editorial publicado pelo Valor Econômico. Disponível em:

<https://valor.globo.com/opiniao/noticia/2025/09/22/cop-tera-de-enfrentar-situacao-climatica-cada-vez-mais-hostil.ghtml>  
Acessado em 22.09.2025

mostram que a Amazônia está mais seca.

O ano de 2023 foi marcado por temperaturas mais altas e condições mais secas em algumas partes do mundo causadas por um El Niño particularmente forte - que tende a reduzir a capacidade de absorção de carbono nos trópicos. Mas o enfraquecimento do El Niño em 2024 não permitiu a recuperação da biosfera, com as emissões globais de carbono provenientes de combustíveis fósseis atingindo um recorde em 2024 - sem “nenhum sinal” de que o mundo tenha atingido um pico, segundo o Projeto Carbono Global. O ano passado foi ainda mais quente que 2023, tornando-se o primeiro ano com mais de 1,5°C acima dos níveis pré-industriais.

Condições quentes sustentadas continuam este ano. Agosto de 2025, por exemplo, foi o terceiro mês de agosto mais quente registrado desde 1850, atrás apenas de 2024 e 2023.

A cada ano a atividade humana libera mais carbono na atmosfera do que os processos naturais conseguem remover, causando um aumento na quantidade de carbono na atmosfera. A média global de carbono atingiu um novo recorde em 2024, de 422,7 partes por milhão (ppm). O aumento em relação a 2023 foi de 3,75 ppm - o maior já registrado em um ano. O estoque de CO<sub>2</sub> na atmosfera está agora 50% maior do que antes da Revolução Industrial, segundo análise anual do Laboratório de Monitoramento Global da NOAA (Administração Nacional Oceânica e Atmosférica dos EUA), com base nos dados coletados em Mauna Loa.

As providências para deter o aquecimento global, e os recursos para isso, têm sido insuficientes, após 29 anos de conferências do clima. A geopolítica conspira agora contra o clima, com os EUA se retirando do Acordo de Paris e Donald Trump eliminando toda a legislação ambiental americana. O próprio comprometimento dos países está em dúvida, uma vez que o prazo para entrega de metas nacionalmente determinadas foi adiado de fevereiro para setembro e até agora só 38 de 193 países o fizeram (**Valor**, 19-9). Pelas metas anteriores, o mundo chegaria a 2100 com temperatura elevada em 2,6°C, suficiente para desastres em série e vastas porções do planeta inabitáveis.

A presidência brasileira tem feito um trabalho eficiente e convocado os países a um mutirão pela salvação do planeta. Ainda que tardio, ele precisa ser ouvido.